

GENGHIS KHAN: O SENHOR DA GUERRA MONGOL

*Por Spencer Mizen**



Representação artística de Genghis Khan (corte) (Thahn Tuan/Artstation).

Rejeitado por seu clã e abrindo caminho para o poder, o líder mongol Genghis Khan passou a acreditar que estava destinado a governar o mundo. E quase conseguiu.

No início do século XIII, Wanyan Yongji, poderoso imperador Jin, enviou uma mensagem a um senhor da guerra que teve a ousadia de invadir seu território. “Nosso império é tão vasto quanto o mar”, dizia. “O seu é apenas um punhado de areia. Como podemos ter medo de você?”

Foi uma declaração ousada, mas que, pelo menos aparentemente, era totalmente justificada. Pois a dinastia Jin do norte da China era talvez a organização política mais poderosa da face da Terra na época. Os Jin possuíam riquezas inimagináveis, pólvora e um enorme exército equipado com armamento de última geração, como catapultas. Além do mais, eles poderiam contar com a proteção de um dos maiores feitos de engenharia de todos os tempos, a Grande Muralha da China. Então, por que eles deveriam se preocupar com um exército nômade cavalgando arduamente em suas terras? Mas havia alguns problemas.

Os Jin não estavam enfrentando nenhum velho bando de nômades, e o homem que os comandava não era nenhum velho líder. Era Genghis Khan. Nas duas décadas seguintes, o governante mongol forjaria uma reputação como indiscutivelmente o maior comandante militar da história. E foi bem no coração do império de Wanyan Yongji – nas ruas de sua magnífica capital, Pequim – que ele se anunciaria ao mundo.

Quando seu exército mongol atacou Pequim pela primeira vez em 1214, dezenas de milhares de infelizes homens, mulheres e crianças chinesas já haviam se familiarizado com os “talentos” de Genghis Khan como força brutal e destrutiva. Alguns anos antes, ele havia lançado uma invasão maciça do noroeste da China, pilhando, saqueando e matando em escala épica. Nem mesmo a Grande Muralha poderia detê-lo. Em vez de tentar atacá-la, ele simplesmente fez seu exército contorná-la.

CONSTRUINDO UM IMPÉRIO

Agora, tendo chegado a Pequim, Genghis Khan se deparou com outro muro, aquele que cercava a cidade. Tinha 12 metros de altura, 16 quilômetros de comprimento e estava repleto de defensores prontos para fazer chover metais derretidos, petróleo bruto e até excrementos e venenos sobre os mongóis. “Treinei meus homens para atacar com a velocidade do vento”, disse Genghis Khan. “Agora eles tiveram que aprender a astúcia do lobo.”

E então ele esperou... e esperou, lentamente estrangulando a capital Jin em um longo cerco. Milhares morreram de fome dentro das muralhas e a população recorreu ao canibalismo. E ainda assim Genghis Khan esperou até que, no início do verão de 1215, com a população à beira do colapso, ele ordenou que seus homens invadissem a cidade.

As paredes foram escaladas, os defensores foram vencidos e o que se seguiu foi a aniquilação total. Por um mês, seu exército queimou, saqueou e estuprou sem freios. A cidade de extrema sofisticação, famosa por seus grandes palácios e mercados repletos de sedas e especiarias, havia sido reduzida a um cemitério. Um ano depois, embaixadores visitantes relataram que as ruas de Pequim estavam “escorregadias de gordura humana”. Eles também registraram que além das paredes havia uma montanha de ossos.

Genghis Khan –alvo das piadas de um imperador chinês e líder de dois milhões de nômades analfabetos – colocou os Jin de joelhos. Esse feito por si só já teria bastado para elevá-lo ao panteão dos grandes comandantes militares. Mas foi apenas o começo.

Ao longo do século, ele e seus sucessores construíram o maior império contíguo da história do mundo, uma faixa de terra de 12 milhões de milhas quadradas que se estendia do Mar do Japão até as pastagens da Hungria, no coração da Europa. Para colocar isso em contexto, o Império Mongol cresceu quatro vezes o tamanho daquele criado por outro grande conquistador, Alexandre, o Grande, e duas vezes o tamanho do Império Romano. Cerca de três dos sete bilhões de pessoas vivas hoje vivem em países que faziam parte do Império Mongol.

No entanto, talvez ainda mais surpreendente seja a história do catalisador por trás dessa extraordinária façanha de construção de um império.

Ao contrário de seus antecessores Alexandre, o Grande ou Júlio César, Genghis Khan não ajustou uma máquina militar já impressionante. Ele transformou uma coleção de tribos maltrapilhas – sem lares permanentes, com poucas posses

preciosas e uma longa história de massacrar umas às outras – em um rolo compressor imparável. E ele fez isso desde um começo difícil.

ASCENSÃO AO PODER

Genghis Khan não se tornou Genghis Khan até os 40 anos. Quando nasceu, em cerca de 1162, filho de um chefe guerreiro tribal, ele se chamava Temujin. A História Secreta dos Mongóis, a mais antiga obra literária em língua mongol sobrevivente, escrita logo após sua morte, conta que ele nasceu segurando um coágulo de sangue, sinal de que seria um bravo guerreiro.

Se Temujin estava destinado à grandeza, houve poucos sinais durante seus primeiros anos. Na idade de oito ou nove anos, seu pai foi envenenado por uma tribo rival, os tártaros, e ele e sua mãe foram rejeitados por seu clã e forçados a ir para as pastagens da Mongólia, onde sobreviveram procurando frutas silvestres, ratos e pássaros. Era uma existência humilhante e lamentável. “Eles nos deixaram sem nada”, lembrou Temujin. “Não tínhamos amigos, apenas nossas próprias sombras.”

Ficar sem amigos no mundo cruel da Mongólia do século XIII não era um bom lugar para se estar. O jovem Temujin percebeu que sua melhor chance de reverter sua sorte – e criar uma base de poder para si mesmo – estava em estabelecer alianças.



FIGURA 1: Genghis Khan com sua esposa Börte; juntos, tiveram nove filhos (Getty Images).

Quando ele tinha apenas 16 anos, ele fez exatamente isso ao se casar com uma garota chamada Börte, da tribo Olkhonud. “Börte era minha mulher, e assim também sua tribo”, foi o triunfante, embora longe de ser romântico, veredito de Temujin sobre a união. No entanto, na violenta e febril estepe da Mongólia, até o

casamento pode significar problemas. Assim que Temujin e Börte se casaram, uma tribo rival, os Merkit, emboscou Temujin e partiu com sua noiva.

GOVERNANTE DOS MONGÓIS

Temujin estava desesperado para se vingar, mas sabia que não poderia fazer isso sozinho. “Um homem que busca o poder precisa de amigos com poder”, escreveria mais tarde. Então ele procurou assegurar outra aliança, desta vez com um líder formidável chamado Toghrul. Temujin conquistou Toghrul lembrando-o de que ele havia lutado ao lado de seu pai e adotou a oferta com um luxuoso casaco de zibelina. A jogada funcionou. Com a ajuda dos guerreiros de Toghrul, Temujin atacou os Merkit e reconquistou sua esposa. “Destruímos suas famílias e esvaziamos seus peitos”, disse ele. Ao passar uma tribo poderosa pela espada, a ascensão de Temujin para se tornar o poder supremo na Mongólia começou bem e verdadeiramente.

Alguém, porém, se interpôs em seu caminho, um de seus maiores amigos. Temujin tinha sido irmão de sangue de um companheiro guerreiro chamado Jamukha, também filho de um líder tribal mongol, por vários anos. Na verdade, Jamukha desempenhou um papel fundamental na derrota dos Merkit. No entanto, à medida que os dois envelheceram, começaram a surgir rachaduras em sua amizade. Jamukha começou a desconfiar do crescente poder de Temujin – especialmente sua propensão à meritocracia, promovendo pessoas com base em seu talento, e não em sua criação. Logo, sua desconfiança se transformou em guerra total.

Quando Jamukha atacou, foi com ferocidade sanguinária. Ele derrotou os combatentes de Temujin no alto do planalto da Mongólia central e depois ferveu vivos os generais de Temujin capturados. “A terra estava encharcada com o sangue de meus guerreiros”, escreveu Temujin. “Nunca mais eu seria derrotado e meus leais guerreiros tão desonrados.”

Ele cumpriu sua palavra e, quando veio a vingança, foi total. O exército de Temujin caiu sobre os guerreiros de Jamukha no verão de 1204, derrotando-os em uma nevasca de flechas e cargas de cavalaria. Então, alguns meses depois, Jamukha foi capturado. Em vez de retribuir com um destino semelhante ao de seus generais, porém, Temujin mostrou misericórdia a ele... até certo ponto. Jamukha pediu uma morte nobre, o que significava sem derramamento de sangue. Seu ex-amigo lhe concedeu isso, então quebrou sua coluna.

A vitória de Temujin ajudou a torná-lo o guerreiro mais poderoso da estepe mongol. Dois anos depois, ele conseguiu algo ainda mais notável, unindo as tribos guerreiras da Mongólia sob um único líder. Agora iria transformá-las em uma força de combate derrotando a dinastia, e ele faria isso sob um novo epíteto: Genghis Khan, que significa “governante universal”.

Entre as primeiras pessoas a sentir a força da nação mongol recém-unida estava o Xia Ocidental do noroeste da China, que sucumbiu à invasão mongol. Em 1211, Gêngis seguiu atacando os Jin, devorando terras, cidades e saques em uma campanha espetacular que culminou na queda de Pequim.

POR QUE OS MONGÓIS TIVERAM TANTO SUCESSO?

O que, além do gênio militar de Genghis Khan, tornava os mongóis tão intimidadores? No centro de seu sucesso estavam seus arqueiros montados em cavalos que, nas palavras do historiador Frank McLynn, inspiraram “um salto quântico na tecnologia militar”. Mongóis treinados em tiro com arco e equitação desde a mais tenra idade – Genghis Khan provavelmente aprendeu a disparar uma flecha a cavalo por volta dos três anos de idade – e dominou como alcançar a precisão máxima, lançando as flechas assim que todos os cascos de seu cavalo deixaram o chão.



FIGURA 2: Arqueiros mongóis durante a destruição do Ocidente por Genghis Khan (Getty Images).

Os mongóis eram muito hábeis em se comunicar a grandes distâncias, algo que haviam aperfeiçoado ao longo de séculos reunindo animais nas estepes. Isso permitiu que eles apertassem lentamente o laço ao redor do inimigo.

Astúcia era outra arma chave no arsenal mongol. Genghis Khan dependia muito de espiões e certamente não hesitava em usar notícias falsas como tática. Em uma ocasião, ele empregou uma campanha de desinformação para confirmar a suspeita de um xá muçulmano de que seus subordinados estavam tramando contra ele. Genghis Khan também era um mestre da retirada simulada, atraindo os oponentes para fora de suas posições defensivas antes de desferir um ataque letal.

Combine tudo isso com sua capacidade de assimilar rapidamente novas tecnologias em seu próprio exército – como armas de cerco chinesas, morteiros, pólvora, para não mencionar milhares de soldados capturados – e você terá um inimigo verdadeiramente formidável.

E então, é claro, houve terror. “Aqueles que se rendessem seriam poupados”, disse Genghis Khan. “Aqueles que não se rendessem, mas se opusessem com luta e

dissensão, seriam aniquilados.” Não foi uma ostentação vã. As cidades que lutavam eram rotineiramente submetidas a uma orgia de destruição: seus homens massacrados, as mulheres estupradas e os prédios arrasados. Como estratégia de guerra, o “massacre exemplar” era absolutamente brutal, mas como meio de dissuadir a resistência, foi assustadoramente eficaz. Até 30 milhões de pessoas podem ter morrido durante as campanhas dos mongóis apenas na China. No entanto, em termos de pura barbárie, o pior ainda estava por vir.

Tendo subjugado Xia Ocidental e Jin a leste, Genghis Khan procurou estabelecer laços comerciais a oeste. Ele enviou emissários ao Império Corásmio (atual Afeganistão e Iraque). Eles levaram – de acordo com o historiador persa contemporâneo Juzjani – a seguinte mensagem ao seu governante, Ala ad-Din Muhammad: “Eu sou o senhor das terras do sol nascente enquanto você governa as do sol poente. Vamos concluir um firme tratado de amizade e paz.” A resposta foi enfática. Foi a cabeça de um dos embaixadores de Genghis Khan em um saco. Quando soube dessa ofensa terrível, ele ficou furioso, o que mudaria o curso da história. Em questão de meses, Genghis Khan despachou um exército de 200.000 homens para ensinar ao xá uma lição que o povo da Ásia central não esqueceria por gerações.

Algumas das mais notórias de todas as atrocidades mongóis foram perpetradas durante esta campanha, infligidas aos postos avançados orientais do Islã. A cidade de Gurganj, no atual Turcomenistão, sentiu todo o impacto da fúria de Genghis Khan. Historiadores muçulmanos registram que, depois de sucumbir a um cerco de cinco meses, 50.000 soldados mongóis massacraram dez homens cada.

Entre suas outras vítimas estava a cidade oásis de Merv (também no Turquemenistão), cujas bibliotecas, constituindo a maior coleção da Ásia central, continham 150.000 volumes. Quando as forças de Genghis Khan terminaram, a cidade e suas bibliotecas estavam em ruínas, e cada soldado do exército invasor de 7.000 homens recebeu cerca de 300 pessoas para matar. A maioria teve suas gargantas cortadas.

TIRANO VINGATIVO OU GOVERNANTE ILUMINADO?

O Genghis Khan da imaginação popular tende a ser um assassino impiedoso, liderando um exército impiedoso e construindo um império sobre os ossos de milhões. Mas havia outro lado dele, muitas vezes esquecido, que foi como o governante esclarecido que percebeu que, se queria que seu Império Mongol se mostrasse sustentável, teria que trabalhar com os povos que havia subjugado.

Ele certamente não era avesso a explorar as habilidades dessas pessoas, identificando os melhores artesãos do império e trazendo-os para a Mongólia. Como resultado, sua capital de Karakorum fervilhava com pequenas comunidades de ourives estrangeiros, tecelões de seda, artistas, arquitetos e afins. E fossem eles cristãos, muçulmanos ou budistas, parece que eram livres para adorar em paz.

Outra chave para o sucesso de Genghis Khan foi a promoção do comércio. O império tornou o mundo um lugar menor, servindo de fato como uma correia de transmissão para tecnologia, ciência e mercadorias entre áreas tão diversas

quanto China, Irã e Europa Oriental. Sem essas rotas comerciais mongóis, Marco Polo nunca poderia ter feito sua célebre jornada da Europa para a China no final do século XIII.

A lubrificar as rodas dessa conectividade estava o célebre sistema postal dos mongóis. A ampla rede de rotas conectadas por postos regulares permitia que uma mensagem viajasse 200 quilômetros em um único dia. Permaneceu a maneira mais rápida de enviar mensagens pela Ásia até o advento das ferrovias.

Genghis Khan era, ao que parece, totalmente impenitente para a violência. “Sou o castigo de Deus”, foi sua mensagem desafiadora. “Se você não tivesse cometido grandes pecados, Deus não lhe teria infligido um castigo como eu.”

Em 1225, a campanha mongol na Ásia central havia efetivamente terminado. Inúmeras cidades foram arrasadas, milhões jaziam mortos e Genghis Khan agora dirigia um império que se estendia para o oeste até o Mar Cáspio.

Ele agora estava preparado para descansar sobre os louros? Sentar e saborear os despojos da vitória? Nada disso. Os textos mongóis nos dizem que Genghis Khan acreditava genuinamente que era seu destino conquistar o mundo para seu deus, Tengri.

Seja qual for sua motivação, em um ano ele estava novamente em campanha, liderando um exército de volta à China. Mas não aconteceria. Durante 1227, ele adoeceu e morreu poucos dias depois. Seu corpo foi levado de volta para a Mongólia, onde foi enterrado em local desconhecido perto de uma montanha sagrada. Sua localização permanece um mistério até hoje.

Segundo a lenda, as últimas palavras de Genghis Khan para alguns seguidores fiéis foram: “Conquistei para vocês um grande império. Mas minha vida foi curta demais para tomar o mundo inteiro. Isso eu deixo para vocês.” Quer ele tenha proferido essas frases ou não, seus sucessores ficaram mais do que felizes em aceitar o desafio. Genghis Khan estava morto, mas como o povo da Ásia e da Europa aprenderia à sua custa nas próximas sete décadas, os mongóis ainda não haviam terminado sua conquista.

MONGÓIS NA EUROPA

Genghis Khan pode ter dado seu último suspiro em 1227, mas sua morte não marcou o auge do Império Mongol ou o fim de sua sede de conquista. Longe disso. O filho e sucessor de Genghis Khan, Ögodei Khan, tinha um desejo por terras e espólios tão insaciável quanto o pai, e o povo da Europa Oriental logo sofreria as consequências.

No outono de 1237, um exército mongol cruzou o Médio Volga e caiu sobre os principados da Rússia central. Cidade após cidade foi saqueada, incluindo, em 1240, Kiev. “Depois de terem sitiado a cidade por muito tempo”, relatou o enviado papal Giovanni da Pian del Carpine, “eles a tomaram e mataram os habitantes”.

Então os mongóis invadiram a Polônia e a Hungria, com a velocidade de sua cavalaria, o alcance de tiro de seus arqueiros e seus métodos de cerco esmagando os defensores. Em 1241, quando as tropas de choque invadiram os arredores de Viena, a Europa Ocidental parecia estar à mercê dos mongóis. Mas então, praticamente da noite para o dia, eles se foram. Ögodei morreu repentinamente e seus exércitos voltaram para casa para eleger um novo Khan, para nunca mais voltar. A Europa teve uma pausa.

Publicado no [History Extra](#).

****Spencer Mizen** é editor de produção da BBC History Magazine.*
